

Uma certa pulsão de humanidade^[1]

Ana Rita Nuti Pontes^[2]

RESUMO: Inspirada no conto de Bradbury “O sorriso”, a autora reflete sobre o processo de humanização do ser humano. Partindo de características específicas à natureza humana, a bestialidade e a condição para amar, contextualiza a humanidade e seus conflitos evidenciando como a capacidade de amar/construir e odiar/destruir são vertentes de difícil reconhecimento e lida. Destaca a importância da arte como conectora do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o universo, significando e ressignificando o seu existir. Do ponto de vista psicanalítico, considera que o que humaniza são os vínculos que se estabelecem e criam condições favoráveis de identificação com o outro, sendo o reconhecimento e consequente identificação com o outro condições básicas para o processo de humanização do sujeito e do desenvolvimento da consideração pela vida e da compaixão pelo semelhante. Aborda as manifestações da ordem do desumanizado vigentes na cultura contemporânea, quando o outro pode ser destruído e descartado sem pudor, como expressões de estados originais de desamparo. Inspirada em Meltzer, propõe a “pulsão de humanidade”, constituída nas primeiras relações humanas com o seu ambiente – na beleza do encontro, na beleza enquanto sentimentos amorosos e éticos em relação a tudo que tem a ver com a vida.

PALAVRAS-CHAVE: pulsão, humanização, pulsão de humanidade, conflito estético

1. Trabalho apresentado em 19 de maio de 2023 na mesa “Uma possível pulsão de humanidade” da VI Bienal de Psicanálise e Cultura da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.

2. Psicóloga e psicanalista. Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

— Por que estamos todos aqui na fila, afinal? — perguntou Tom. — Por que estamos aqui para cuspir?

— Pois é assim, Tom; odiamos seja lá o que for que destruiu e arruinou tudo. É a natureza humana. Irrracional, talvez, mas humana.

— Não há quase ninguém, ou nada, que não odiamos — disse Tom. (Bradbury, 1953/2020)

Enquanto lia o conto de Bradbury (1953/2020), “O sorriso”, pela primeira vez, fui tomada por forte emoção ao imaginar a cena da retaliação e aniquilamento do quadro de Mona Lisa. A destruição de tudo o que a arte e a beleza significam é obscena. Quem aqueles homens estariam destruindo, afinal? Existiam homens “naquele tempo”?

8 de janeiro de 2023. A Praça dos Três Poderes é invadida por grupos que realizam atordoante barbárie ao delapidarem o que lá havia de arte. Existem homens “neste nosso tempo”?

Considerando um espectro arte ↔ barbárie (arte como a transformação e representação das pulsões, desejos, intuições, emoções, sentimentos, frustrações, lutos; e barbárie como a expulsão de qualquer desses elementos de dentro de si), podemos nos servir dele como um andaime para começarmos esta reflexão. O ser humano é o único animal sensível à arte, que criativamente produz arte. É a única espécie que fala e que tem consciência da própria morte. O que humaniza o humano?

Pois que humanos somos, desde há 400 mil anos, não significa que somos humanos civilizados.^[3] A palavra “humanidade” significa o conjunto de características específicas à natureza humana: a bestialidade e a condição para amar residem igualmente no homem, o que Freud (1921/2011) nomeou Eros e Tânatos ao revelar ao mundo científico o que os grandes filósofos e escritores já haviam cantado em prosa e verso (mais uma vez, a arte sempre se antecipando à ciência!). A capacidade de amar/construir e odiar/destruir são vertentes de difícil reconhecimento e lida que habitam o humano – este humano, demasiadamente humano, como disse Nietzsche (1878/2005). Freud, que viveu na própria pele as mazelas da guerra, deixou um enorme legado que nos possibilita pensar questões atuais.

Na medida em que a cultura impõe restrições às exigências narcisistas do homem, este imerge num conflito perene. Desde os primórdios da psicanálise Freud (1930/1996) o intuiu, formulando-o em 1920 na díade Eros ↔ Tânatos: o homem e sua capacidade para amar, criar, construir, ao mesmo tempo que mata e destrói simplesmente por destruir, ou até por prazer, gozando com sua crueldade.

Pergunto-me em qual dimensão mental estamos quando nos encontramos incapazes da identificação com a estética da beleza e do sublime. Provocaríamos o belo e o sublime estados de turbulência emocional que precisariam ser eliminados? Provocaríamos o belo e o sublime dolorosas experiências estéticas de ligação consigo (objetos

3. Freud (1930/1996) não distinguia as palavras “cultura” e “civilização”, colocando nas duas tudo o que faz o homem diferenciar-se de sua condição animal. Neste texto, chamarei essa condição de “humanizada”.

internos) e com o outro, enquanto as experiências um dia vividas, impossibilitadas de representação, buscariam a “ação” evacuatória através de ataques?

Desde as civilizações primitivas, a arte conecta o homem consigo mesmo, com o outro e com o universo, significando e ressignificando o seu existir de várias maneiras: pelas palavras, pelos sons, pelas imagens... A literatura, a pintura, a fotografia, a música, a dança, o cinema, enfim, todas as artes nos provocam muitas sensações e emoções: tanto a beleza e o sublime – que causam maravilhamento e assombro e nos fazem sentir vivos e inseridos na cultura e no universo – como dolorosos estados emocionais – que nos remetem às antigas catástrofes internas geradoras de angústias vividas nos primórdios das nossas vidas e, acompanhando Freud (1930/1996), nos primórdios da nossa espécie.

De acordo com Peixoto (2001), citando Trojan (2008), a arte possibilitaria ao ser humano uma suspensão da realidade, após a qual retorna para o cotidiano transformado e enriquecido em sua compreensão da realidade humana. Essa experiência, então, criaria a conexão e a identificação entre o singular e o geral, entre indivíduo e humanidade.

Do ponto de vista psicanalítico, considero que o que humaniza o homem são os vínculos que se estabelecem e criam condições favoráveis de identificação com o outro. A humanização não é um fato dado. Ocorre, mas pode não ocorrer. A maneira pela qual a pessoa se vincula ao mundo expressa sua subjetividade, que revela esse tipo de ligação, ou a ausência de ligação. O reconhecimento e consequente identificação com o outro são condições básicas para o processo de humanização do sujeito e do desenvolvimento da consideração pela vida e compaixão pelo semelhante. Portanto, a meu ver, a humanização acontece pela relação com o outro humano humanizado, de onde surge a ética. Entendo que, se desconsidero a existência do outro, desconsidero também o humano dentro de mim.

Meltzer, analista inglês, nos brinda com seu pensamento quando nos mostra que a capacidade para a apreensão do belo, que nos humaniza, remete aos primórdios de nossa vida, ainda na relação do bebê com a mãe, ainda na formação do psiquismo (Meltzer & Williams, 1988/1995). O ser humano pode iniciar o desenvolvimento de sua humanização justamente a partir dessa relação originária tão intensa, em que a beleza proveniente do contato com a mãe gera uma emocionalidade que sensibiliza o bebê e o estimula a buscar o belo. Ao contrário, o recuo diante da beleza do encontro provoca uma antiemocionalidade, o que nos ajuda a compreender a dificuldade de alguns de se sentirem tocados pela beleza que a emoção provoca e de se humanizarem. Em outras palavras, a “pulsão de humanidade” é construída e desenvolvida através das primeiras relações do ser humano com o seu ambiente – na beleza do encontro, na beleza enquanto sentimentos amorosos e éticos em relação a tudo que tem a ver com a vida.

Por outro lado, se nos ativermos aos estados mentais de abandono, vazio e desamparo, quando a pessoa se sente “violentada” pelo próprio terror – porque lhe faltou amparo e acolhimento, faltou a presença e o olhar amoroso do outro –,

pode estar ausente a condição para a identificação com o humano, seu semelhante. Abrem-se, então, caminhos para manifestações da ordem do desumanizado, quando o outro é visto e sentido somente como uma coisa e, portanto, pode ser destruído e descartado sem nenhum pudor. Isso é *desumanização*, ou seja, a perda da essência do amor. Esse é o ponto importante que se articula com o que denominamos de perversão, pois o sujeito em seu estado perverso desumaniza as pessoas, coisificando-as, ignorando suas qualidades, anulando sua subjetividade e tornando-as apenas objetos de seu próprio interesse, envolvendo-se no manto de muitas “justificativas” falsas que escondem a hostilidade e desconsideração com o outro vivo.

Hannah Arendt (1963/1999) nos ajuda a compreender melhor esse funcionamento humano desumanizado quando discorre sobre “a banalidade do mal”. Entender tudo o que uma pessoa sente ser diferente de si como ameaçador e considerar que deva, por isso, ser eliminado – como se o problema todo estivesse fora dela, no outro – é um modo antiético de colocar-se no mundo. Faltam reflexão e identificação com o ser vivo e com tudo o que é da natureza da vida. E é na banalização do antiético que, de forma sutil, encobrindo a violência, deixamos a capacidade para pensar de lado e seguimos a massa, um perigoso flanco para a instalação de governos autoritários, para a propagação de fake news, para o antipensamento, para a destruição da vida. Essa é a humanidade possível para os humanos que, em algum momento, se encontram na condição não humanizada.

Assim, assistimos diariamente à violação dos direitos humanos. A política do ódio, da polarização, do armamentismo, da distorção dos fatos, ganhou muito espaço nos últimos anos. Aqui no Brasil, os assassinatos bárbaros contra crianças vêm aumentando de forma galopante, como um bicho desenfreado, e culminou com o massacre das criancinhas na creche de Blumenau em abril de 2023. Chega a ser nauseante pensar no triunfo sentido pela pessoa enquanto cometia essas atrocidades. Nauseante porque, segundo minha experiência e intuição me revelam, qualquer um de nós pode, em algum instante, encontrar-se na mesma condição: seja como a vítima ou como o bárbaro.

Então, a pergunta fundamental é: o que acontece que faz faltar a identificação com a vida, quando, nessa precária condição, o que queremos é assassinar, destruir? O que fazer quando o ódio é a única possibilidade do indivíduo de sentir que existe? O que podemos fazer quando essa é a única humanidade possível? Podemos alguma coisa?

O processo de identificação com o outro e o sentimento de pertencimento são aquilo que desperta a pré-ocupação com o mundo e naturalmente conduz a uma pré-ocupação com todos os seres vivos, com a ecologia, com o ambiente, com o planeta. Essa identificação, portanto, seria uma *metaidentificação*, no sentido proposto até aqui, pois vai além do humano: vai no sentido da preservação e do cuidado com a vida em todas as suas formas e manifestações.

A ética e a violência formam um par antitético que funciona como um dos eixos fundantes para a estruturação do sujeito psíquico e da ordem social. O Complexo de Édipo, com suas interdições, nos confere a marca da presença do outro como

elemento primordial na construção de uma condição ética, sendo esta determinante para a contenção da autodestrutividade do sujeito e, como consequência, da cultura. A interdição por um humano humanizado e os limites próprios da realidade impõem naturalmente ao homem seu lugar dentro de si mesmo e no mundo.

Bauman (2007/2008) é claro na sua afirmação quando diz que “talvez não exista pior privação, pior carência, que a dos perdedores na luta simbólica por reconhecimento, por acesso a uma existência socialmente reconhecida, em suma por humanidade” (p. 7). Eu completaria: na busca pela humanização, que só acontece pelo reconhecimento do outro. Talvez, com esse esclarecimento, possamos nos aproximar da miséria dos homens que cuspiram na *Mona Lisa* no conto de Bradbury, daqueles que, num ato de barbárie, tentaram destruir a Praça dos Três Poderes em Brasília e daqueles que buscam a existência através de atos bárbaros, aqui incluídos os ataques e mortes nas escolas.

Ainda segundo Bauman (2001/2008), “o sucesso da vida dos homens e mulheres pós-modernos depende da velocidade com que conseguem se livrar de hábitos antigos, mais que a rapidez com que adquirem novos” (p. 161). Descartar é a solução ilusória para aqueles que acreditam num mundo sem angústia.

Quando estendemos essa reflexão à presença das máquinas em nosso dia a dia – à transformação tecnológica da vida e do corpo, inclusive com o desenvolvimento das inteligências artificiais –, chegamos ao que Tomaz Tadeu (2009) chama de “uma das mais importantes questões do nosso tempo ... : onde termina o humano e onde começa a máquina? Ou, dada a ubiquidade das máquinas, a ordem não seria a inversa?” (p. 10). Com os avanços recentes da biotecnologia e da medicina, podemos até pensar que somos todos um pouco ciborgues. Nos tornamos dependentes dessa sofisticada tecnologia, vivendo quase uma necessidade simbiótica. Mas isso implica um questionamento radical do que se entendia até há pouco por subjetividade humana, seguindo ainda o pensamento de Tadeu, que também cita a filósofa americana Donna Haraway, autora do *Manifesto ciborgue* (1985/2009). É um questionamento sobre a “alma” humana, mas que nasce da transformação dos corpos: qual é, afinal, nossa natureza humana, e quais são as fronteiras que a separam dos clones, ciborgues e outros híbridos entre o natural e o tecnológico?

Uma inteligência artificial talvez venha a ser capaz de reproduzir perfeitamente qualquer forma de arte, de recombinar várias formas de arte, mas a *criação* depende da emoção, e a emoção, bem como a sensibilidade, a intuição e a “alma” ainda são fenômenos que se restringem a seres biológicos e humanos. São aquilo que, junto ao comportamento, impedem às máquinas a equidade com os humanos. Como seria possível nascer uma mente na máquina, se a mente só pode se desenvolver a partir dos vínculos amorosos e do olhar apaixonado de quem cuida do pequeno ser?

É claro que a tecnologia nos auxilia, e muito. Como exemplo, o evento em que apresentei este trabalho, de formato híbrido, não seria possível sem tecnologia. Mas é o olhar e o calor do corpo do outro fisicamente próximo que podem construir valores

éticos, empatia, compaixão, intuição e sonhos na mente do bebê humano, para que assim desenvolva a capacidade de se identificar com o outro, de se indignar perante o discurso de ódio, de chorar seus mortos assassinados brutalmente por políticas que exaltam a barbárie e a “coisificação”. Ou seja, para que se humanize. E isso não se produz em laboratório. Essa capacidade não nasce em terra de falsidades e distorções. Não brota em canteiros de violência. Ela necessita do mais básico: o desenvolvimento e a ampliação da capacidade para amar.

Como último vértice, dentre muitos importantes para o tema desta mesa, mas para os quais o tempo não nos permite grande extensão, apenas resvalo na questão do *homem e a natureza*, vértice que penso cingir tudo o que falei até aqui. Precisamos localizar o que chamamos de natureza num outro lugar: não existe uma separação entre o homem e o que denominamos de natureza, somos parte de um mesmo todo. Temos lidado com esta nossa única “casa”, nosso planeta, como se fosse invulnerável. Como se não se tratasse de um imenso organismo vivo dentro do qual tudo é delicadamente conectado.

Para descrever o período mais recente da vida do nosso planeta, mais especificamente o período em que a Terra passa a “sentir e reagir” à atuação dos humanos, tem-se utilizado a palavra “Antropoceno” – formada a partir do grego “*ánthropos*”, que significa humano, e “*kainós*”, que significa novo. Como comenta a professora de antropologia Andréa Oliveira Castro, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em uma palestra proferida em março deste ano no evento O Mercado de Carbono e os Desafios para o MPF, trata-se de um período em que se faz presente “uma das dicotomias mais relevantes com a qual o Ocidente – e particularmente o modo de produção capitalista – opera, que é o par cultura/natureza”, relativo também à dicotomia entre o que é humano (racional, volitivo, moral, informado e consciente) e o não humano (animais, árvores, pedras, rios, artefatos etc.). E o ponto central é que “o estado transitório e instável da antropomorfia dos humanos que habitam esse pátio terrestre só é mantido caso não haja quebras de código de conduta e preceitos morais em relação a outros humanos ou aos outros seres”.

Diante de horizonte tão vasto para pensarmos, tendo eu sinalizado apenas três de imensa extensão, em mim fica a constatação de que, se não é sempre que alcanço o que posso fazer para colaborar com a humanização do humano, ao menos carrego clareza sobre o que *não fazer*, me observando diariamente e cuidando dessa questão dentro do que me é possível no momento.

Para finalizar, volto ao conto de Bradbury (1953/2020):

Todo mundo estava adormecido, ao luar.

E ali, em sua mão, estava o Sorriso.

Olhou para ele, à luz branca do céu da meia-noite. E pensou, repetidamente, consigo mesmo, quieto, o Sorriso, o adorável Sorriso.

É necessário proteger nosso pedacinho de sorriso!

Una determinada pulsión de humanidad

Resumen: El presente artículo está inspirado en el cuento de Bradbury llamado “La sonrisa” y la autora reflexiona sobre el proceso de humanización del ser humano. A partir de las características que le son específicas a la naturaleza humana tales como la bestialidad y la condición de matar, contextualiza la humanidad y sus conflictos poniendo de manifiesto cómo la capacidad de amar/construir y odiar/destruir son vertientes de difícil reconocimiento y un verdadero desafío para lidiar. Subraya la importancia que tiene el arte como conector del sujeto consigo mismo, con el otro y con el universo, significando y resignificando su existencia. Desde el punto de vista psicoanalítico, la autora considera que lo que humaniza son los vínculos que se establecen y que crean condiciones favorables para la identificación con el otro, siendo el reconocimiento y la consecuente identificación con el otro las condiciones básicas para el proceso de humanización del sujeto y del desarrollo del respeto por la vida y la compasión frente al prójimo. También aborda las manifestaciones que son inherentes a la deshumanización que están vigentes en la cultura contemporánea, o sea, cuando el otro puede ser destruido y descartado sin pudor, siendo expresiones de estados originarios del desamparo. Inspirada en Donald Meltzer, ella propone la “Pulsión de Humanidad” constituida en las primeras relaciones humanas con el ambiente –en la belleza del encuentro, en la belleza como sentimientos amorosos y éticos en relación con todo lo que tiene que ver con la vida.

Palabras clave: pulsión, humanización, pulsión de humanidad, conflicto estético

A certain humanity drive

Abstract: Inspired by Bradbury’s tale “The Smile,” the author reflects on the humanization process of human beings. Starting from specific characteristics inherent to human nature –bestiality and the capacity to love–, she contextualizes humanity and its conflicts, highlighting how the ability to love/build and hate/destroy are aspects difficult to recognize and handle. The importance of art is emphasized as a connector between the individual and their selves, the others, and the universe, giving and redefining the meaning of their existence. From a psychoanalytic standpoint, the author considers that what humanizes us are the bonds established, creating favorable conditions for identification with others, with recognition and subsequent identification with others being basic conditions for the humanization process of the individual and the development of respect for life and compassion for others. The article addresses manifestations of dehumanization prevalent in contemporary culture, where the other can be destroyed and discarded without shame,

as expressions of original states of helplessness. Inspired by Meltzer, she proposes the “humanity drive” formed in early human relationships with their environment –in the beauty of the encounter, in beauty as loving and ethical feelings towards everything related to life.

Keywords: drive, humanization, humanity drive, aesthetic conflict

Referências

- Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (J. R. Siqueira, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bauman, Z. (2008). *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas* (J. Gradel, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2001)
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria* (C. A. Medeiros, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2007)
- Bradbury, R. (2020). O sorriso. In *Prazer em queimar: histórias de Fahrenheit 451* [E-book] (A. Xernesky e B. C. Mattos, Trads.). Biblioteca Azul. (Trabalho original escrito em 1953)
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 21. O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)* (J. Salomão, Trad.; pp. 66-149). Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In *Obras completas: Vol. 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* (P. C. Souza, Trad.; pp. 13-113). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Haraway, D. (2009). Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In D. Haraway, H. Kunzru, & T. Tadeu (Org.), *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* (T. Tadeu, Trad.; 2a ed., pp. 33-118). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1985)
- Meltzer, D., & Williams, M. H. (1994). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1988)
- Nietzsche, F. (2005). *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres* (P. C. Souza, Trad.). Companhia de Bolso. (Trabalho original publicado em 1878)
- Peixoto, M. I. H. (2001). *Relações arte, artista e grande público: a prática estético-educativa numa obra aberta* [Tese de Doutorado]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2001.206725>
- Tadeu, T. (2009). Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In D. Haraway, H. Kunzru, & T. Tadeu (Org.), *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* (T. Tadeu, Trad.; 2a ed., pp. 7-15). Autêntica.

Bibliografia consultada

- Bauman, Z. (2010). *Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos* (E. Aguiar, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2009)

- Camargo, S. H., Moraes, L. C., & Hoffmann, D. G. (2013). *Arte produzindo transformação e humanização* [Apresentação de trabalho]. XI Jornada Científica da Univel, Cascavel, PR, Brasil. <https://bit.ly/418nCFk>
- Civitaresse, G. (2016). Bion e o sublime: as origens de um paradigma estético. *Livro Anual de Psicanálise*, 30(1), 147-173.
- Khan, M. M. R. (1969). Role of the “collated internal object” in perversion-formations. *International Journal of Psycho-Analysis*, 50, 555-565.
- Pontes, A. R. N. (2021/2022). A perversão no cotidiano: o estranho na parte obscura de nós mesmos. *Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos*, 37(1), 105-112. <https://bit.ly/42nr4wL>
- Roudinesco, E. (2008). *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos* (A. Telles, Trad.). Zahar.
- Winnicott, D. (1975). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu e V. Nobre, Trans.; pp. 121-131). Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

Ana Rita Nuti Pontes

Endereço: Rua Padre Marcelino Champagnat, 120, Royal Park. Ribeirão Preto/SP.

CEP: 14028-515

Tel.: (16) 98116-9709

E-mail: anarnpontes@gmail.com